

humanitas

Vol. XVII–XVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

J. M. L.

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XVII E XVIII



COIMBRA
MCMLXV · LXVI



Antonio Garzya, Eurípide: Andromaca. Napoli, 1963², XXXVII-f-
+ 127 pp..

Dez anos depois de publicada a 1.^a edição, surgiu em 1963, integrada na Colecção «Speculum» (*Biblioteca di Autori Antichi*), a 2.^a edição, revista e ampliada, da *Andró maca* de Eurípides, assinada pelo director daquela Colecção, António Garzya. Se nos perguntassem se valeu a pena a reedição, a resposta seria abertamente afirmativa. Trata-se dum trabalho sério, bem documentado e bem pensado, em que, a uma valiosa introdução, se sucede um texto esclarecido por notas abundantes, criteriosamente elaboradas em função duma extensa e actualizada bibliografia. Em resumo, um contributo positivo para um melhor conhecimento da citada tragédia euripídiana.

Na introdução, procede A. Garzya a uma lúcida análise da peça em que nos apraz salientar as observações felizes sobre as limitações da interpretação política da *Andrómaca*, em que se têm transviado tão agudos engenhos, e sobre a função das partes líricas e sua integração na economia do drama, como por ex. em relação ao párodo com abandono justificado da posição de Möller (p. XVII).

De subscrever inteiramente as seguintes afirmações do A. a propósito da primeira questão : «Nelle parole pro e contro Sparta che i personaggi dicono, bisogna ricercare piuttosto la ragione sentimentale e psicologica che ne inquadra la significazione nell'economia generale del dramma, compatibilmente con l'effetto immediato od esteriore che il poeta intendeva ricavarne, e non solamente un finalismo estraneo alle ragioni delParte» (p. VIII).

A discussão da opinião de Möller relativamente à função do párodo leva A. Garzya à expressão da sua opinião pessoal sobre a figura de Hermione, a favor da qual resolverá, mais tarde, o problema complicado da unidade da peça. Neste ponto crucial da interpretação desejamos, porém, marcar a nossa divergência em relação ao A. e desta divergência daremos a seguir as principais razões. Contestamos, em primeiro lugar, que a personagem de Hermione ocupe no drama a posição central que A. Garzya lhe atribui, em detrimento duma justa valoração das diferentes partes da tragédia. Efectivamente, a tese do A. implica um sacrifício demasiado pesado, a hipótese dura de que, com o último estásimo, o drama está concluído e de que o êxodo (note-se que, arbitrariamente, o A. assinala um 5.º episódio, depois do último estásimo) é, em grande parte, estranho ao desenvolvimento dramático (p. XXXI).

A atribuição duma importância exagerada à figura de Hermione falseia um tanto as relações entre esta personagem e as outras personagens da tragédia. Assim, por ex., não é exacto que o Coro, no párodo e no 2.º estásimo, mostre simpatia ou especial compreensão pela mulher de Neoptólemo (pp. XVI-XVII). Em relação ao párodo, abandona o A., sem argumentos convincentes, a interpretação natural e corrente dos vv. 122-3, em que o adjectivo *τλάμων* se liga logicamente à forma pronominal *σε*, referida a *Andrómaca*. Num momento em que o Coro lamenta a sorte

de Andrómaea, estaria perfeitamente deslocada tal referência à infelicidade de Hermione. Quanto ao v. 465 e segs., com que começa o 2.º estásimo, vemos que o Coro apenas afirma que os duplos amores são fonte de discórdia, colocando-se num plano de generalidades que, aliás, o próprio A. Garzya reconhece ao qualificar de artificioso este canto coral, onde é visível o reflexo de «disputas sofisticadas» (p. XXIII). Que, de resto, a compreensão por Hermione é reduzida ou nula prova-o a maneira como, no fim do estásimo, o Coro aprecia o comportamento desta personagem em relação a Andrómaea: *Ἀθεος ἄνομος ἀχαρις ὁ φόνος*, etc.. Assim, também aqui o drama principal é o de Andrómaea inocente.

A análise do 3.º estásimo sofre, igualmente, com a orientação seguida pelo A. na apreciação da figura de Hermione. Entre as várias soluções propostas para a interpretação dos vv. 772-6 é, precisamente, a solução de Hermione a menos digna de crédito (veja-se a nota de Méridier ao v. 772 na edição de «Les Belles Lettres»).

Normalmente atento às circunstâncias do drama, que explicam satisfatoriamente muitas pretensas inverosimilhanças de que é tão fácil acusar Eurípides, A. Garzya alinha, no entanto, com os censores do poeta na afirmação da incongruência existente nos conhecimentos de Orestes relativamente à situação doméstica de Hermione e Neoptolemo (v. 995 e segs.). Escreve o A., a págs. XXIX da *Introdução*: «Oreste intanto annunzia alia fanciulla di aver già preparato delle insidie per Neoptolemo. Qui v'è una incongruenza técnica in quanto Oreste all'inizio aveva dichiarato di essere ignaro della sorte di Ermione»....

Observe-se, em primeiro lugar, que, um pouco antes das suas revelações sobre a cilada armada a Neoptolemo, Orestes afirma o seu inteiro conhecimento das desinteligências que lavram no palácio do filho de Aquiles (v. 959 e segs.). Não será admitir demasiada distração ou imperícia da parte de Eurípides, reconhecer uma contradição entre os versos citados e o v. 884 e segs., em que Orestes faz a sua apresentação ao corifeu? Não será mais lógico aceitar que Orestes entra, fingindo ignorância das condições de vida no palácio, simplesmente para averiguar até que ponto as circunstâncias favorecem a realização do seu plano?

Relacionada com o problema fundamental da unidade da peça, está a hipótese, defendida por A. Garzya, da presença no êxodo de Andrómaea e de seu filho. Contrariamente à tese citada da valorização de Hermione, poderia esta hipótese servir de elemento de estruturação da peça em torno da personagem de Andrómaea, mas veremos que não é por este meio, puramente material, que se pode assegurar a discutida unidade. Efectivamente, é de todo problemática a referida presença, sendo até a opinião dos que a negam favorecida pelo exame imparcial do texto de Eurípides. Há, primeiro, o problema da interpretação do v. 1041 (pertencente ao estásimo 4.º), em que a forma *aoí* parece referir-se, não a Andrómaea, como pretende A. Garzya, mas a Hermione, como opina Méridier, em nota ao verso citado. Na realidade, os versos precedentes, que falam de esposas infelizes «nas cidades dos Gregos» aplicam-se melhor a Hermione que a Andrómaea, que não é grega nem esposa. Há, depois, o v. 1059 (*Ναι, καὶ γυναικός ἀγματοπίδος φόβω.*) cujo sentido se coaduna mal com a presença de Andrómaea. Note-se, por fim, que, incluindo o 4.º episódio a participação, não de Andrómaea, mas de Hermione, é natural que as reflexões do Coro no 4.º estásimo se apliquem a esta, nasçam do espectáculo lamentável da sua desgraça.

Mas, se Andrómaea não regressa fisicamente no êxodo da peça, a sua presença

não está menos viva no íntimo significado dos acontecimentos e nas palavras finais do «deus ex machina». Efectivamente, o facto de Tétis não ter uma palavra para Hermione confirma que esta não é o centro da peça. Hermione e Orestes desaparecem definitivamente, para ceder o lugar a Andrómaca nas revelações de Tétis: é o destino de Andrómaca que interessa e o de seu filho.

Assim a unidade da peça se centra em Andrómaca, liberta da sua inimiga e do perigo que para ela representaria a vida com Neoptólemo. O sofrimento de Hermione é mantido pelo Poeta dentro das modestas proporções do temor das represálias. A facilidade com que ela aceita a solução de Orestes comprova a reduzida intensidade do seu drama passional, ao passo que a grandeza de Andrómaca avulta no sacrifício por seu filho e o seu pathos é intenso. A simpatia do Coro por Hermione é, na realidade, inexistente e a salvação desta não se deve à sua «intrínseca inocência», como quer A. Garzya (p. XXX). Não há, em boa verdade, salvação: há um lar destruído, um ruir de esperanças, um malogro das tentativas de vingança, há uma fuga precipitada, com o correspondente abandono do terreno ao inimigo. Andrómaca, sim, salva-se e é recompensada. A fuga de Hermione e a morte de Neoptólemo são o princípio da recompensa, um alívio e uma libertação. Pondo um remate a este processo de reparação, o êxodo não só não é alheio ao desenvolvimento do drama como, pelo contrário, se integra perfeitamente na sua unidade. Observa-se, portanto, uma ligação essencial entre a figura de Andrómaca e a interpretação da peça, cujo título, contra a opinião de A. Garzya (p. XXXVI, nota 29), traduz afinal a intenção do autor na hierarquização das suas personagens.

Citemos, a terminar, a existência nesta edição de 4 apêndices, dos quais o 1.º é a apresentação esquemática da estrutura da peça, o 2.º um «*Conspectus Metrorum*», o 3.º um índice das discordâncias em relação ao texto de Murray e o último uma nota bibliográfica, que menciona algumas das obras mais recentes sobre o teatro de Eurípides.

MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO
(Bolseiro do I. A. C.)

D. Van Nes, *Die maritime Bildersprache des Aischylos*. Groningen, 1963, 197 pp..

Depois dos estudos de Dahlgren (*De Aeschylī metaphoris et similitudinibus a re navali deductis commentatio*, Uppsala, 1875) e de Hansen (*Bildhafte Sprache des Aischylos. See und Schifffahrt in metaphorischer Verwendung*, Kiel, 1955) sobre as imagens e metáforas marítimas de Ésquilo, um novo trabalho sobre o mesmo tema, assinado por Van Nes, vem enriquecer a bibliografia esquiliana. A págs. 5 da *Introdução* enumera o A. os aspectos fundamentais da sua investigação:

«Erstens eine möglichst vollständige Übersicht der maritimen Bilder, Gleichnisse und Metaphern in Aischylos' Dichtung, nach Bildgegenständen geordnet.